

## Mulheres Negras no Slam Capixaba: Representação, Resistência e Espaço Público<sup>1</sup>

Caroline Matias Souto<sup>2</sup>  
Vinicius Araujo de Freitas<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

### RESUMO

Este trabalho analisa, a partir da metodologia da semiótica discursiva, o documentário *Elas Tomam a Cena: A resistência de mulheres negras no slam capixaba*, produzido como um projeto experimental de Trabalho de Conclusão de Curso. A pesquisa investiga de que forma mulheres negras atuantes no slam capixaba compreendem e ressignificam as lógicas de representação racializadas e a ocupação do espaço público por meio da poesia falada. A fundamentação teórica baseia-se em Stuart Hall (2016), Pierre Mayol (2013), Grada Kilomba (2019) e Vigarello (2006), evidenciando o slam como uma prática de resistência e reconfiguração simbólica da cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Slam; mulheres negras; representação; espaço público; semiótica discursiva.

### INTRODUÇÃO

O slam se caracteriza como uma competição de poesia falada que ganhou força nas periferias brasileiras com a chegada em 2008, com o ZAP! Slam (Zona Autônoma da Palavra), idealizado por Roberta Estrela D'Alva, em São Paulo. No país, as competições se consolidaram como uma forma de resistência cultural e ocupação simbólica do espaço público, com apresentações realizadas em praças, escadarias e ruas. No entanto, mesmo em espaços considerados contra-hegemônicos, mulheres negras seguem enfrentando silenciamentos e obstáculos para serem legitimadas. Nesse sentido, a partir do projeto experimental de TCC, cujo produto final foi o documentário *Elas Tomam a Cena: A resistência de mulheres negras no slam capixaba*, investiga-se de que forma essas mulheres tensionam regimes racializados de representação e ressignificam o espaço público por meio da poesia falada.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT02SE - Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico), evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo- UFES, carolmattias79@gmail.com.

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Espírito Santo- UFES, viniiciusaraujo66@gmail.com.

A pesquisa adota como metodologia a análise semiótica discursiva (Greimas; Courtés, 1979), que permite interpretar os sentidos gerados em três níveis: fundamental (oposições semânticas), narrativo (trajetórias e papéis) e discursivo (marcas linguísticas e visuais). O *corpus* da pesquisa é o próprio documentário, compreendido como espaço de enunciação coletiva. O referencial teórico se apoia nos estudos de Stuart Hall (2016), que discute os regimes racializados de representação; Pierre Mayol (2013), que entende o espaço público como território de práticas culturais; Grada Kilomba (2019), que trata do silenciamento de corpos negros; Chaia (2007), que analisa o ativismo como ação política; e Vigarello (2006), que reflete sobre a exclusão histórica das mulheres do espaço urbano.

Como problema de pesquisa, questiona-se: como mulheres negras participantes do slam capixaba compreendem e ressignificam as lógicas de representação social e a ocupação do espaço público por meio da poesia falada? A pesquisa busca demonstrar como as competições, nesse contexto, configura-se como prática de resistência simbólica e reconfiguração cultural quando protagonizado por mulheres historicamente invisibilizadas.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A história é constituída por uma clara divisão de papéis de gênero, em que mulheres são destinadas a condições limitantes, como espaços domésticos e as atividades de cuidado, enquanto homens desfrutam da liberdade e da ocupação dos locais públicos (Vigarello, 2006). Essa lógica patriarcal persiste nas práticas sociais e se reflete também na arte, onde as mulheres ainda enfrentam barreiras para acessar reconhecimento, visibilidade e permanecer nesses locais. Tais dificuldades se intensificam quando se trata de mulheres negras, atravessadas não apenas por desigualdades de gênero, mas também por questões de raça e classe.

Grada Kilomba (2019) aponta que o sistema racista opera com base em uma hierarquia que associa os corpos negros à marginalidade e ao não pertencimento, enquanto os corpos brancos ocupam lugares de prestígio e escuta. Essa lógica de exclusão está presente na trajetória de mulheres negras que atuam no slam, enfrentando sobrecargas de trabalho, responsabilidades domésticas e exclusão simbólica. O slam, nesse sentido, se apresenta como prática de resistência e reconfiguração do espaço

urbano, já que ao ocuparem praças, ruas e escadarias, essas mulheres subvertem as lógicas hegemônicas de presença no espaço público. Por meio do ativismo poético, rompem com a condição de objeto, deixando de ser meras espectadoras das narrativas impostas por grupos dominantes para se tornarem sujeitas e narradoras de suas próprias histórias.

Essa atuação também pode ser compreendida como uma resposta aos regimes racializados de representação descritos por Stuart Hall (2016), para quem os significados atribuídos às identidades sociais são produzidos culturalmente e moldados por relações de poder. Se, nos meios tradicionais, a população negra é muitas vezes representada por meio de estereótipos, no slam as mulheres negras tornam-se autoras de suas narrativas, reposicionando-se como sujeitos.

A cidade, enquanto cenário dessas disputas, também é um espaço de significação. Pierre Mayol (2013) compreende o espaço público como uma construção social mediada pelas práticas cotidianas, e propõe que os sujeitos, ao habitarem e performarem nesse espaço, o ressignificam. Assim, as performances poéticas nos slams deslocam os usos esperados da cidade e transformam seus espaços em territórios de resistência, pertencimento e troca de afetos.

Por fim, entende-se o slam como uma forma de ativismo — prática em que arte e política se entrelaçam, como aponta Chaia (2007). As performances tornam-se ferramentas de enfrentamento às múltiplas violências estruturais, como racismo, machismo e LGBTfobia. Com isso, essas mulheres negras não apenas rompem com silêncios históricos, mas reconstroem os sentidos da cidade e das formas de existir nela, criando novas possibilidades de presença e escuta no espaço público.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada na semiótica discursiva de Greimas e Courtés (1979). A análise considera três níveis: o fundamental, que identifica oposições de valor como silêncio/fala e pertencimento/exclusão; o narrativo, que observa os percursos e papéis dos sujeitos; e o discursivo, que trata da concretização dos sentidos na linguagem por meio do corpo, da voz e da performance.

O *corpus* é o documentário *Elas Tomam a Cena: A resistência de mulheres negras no slam capixaba*, produzido como Trabalho de Conclusão de Curso por uma das autoras. A obra reúne entrevistas e performances de mulheres negras atuantes na cena do slam capixaba, funcionando como espaço de enunciação e resistência. A análise recai sobre trechos que evidenciam construções de sentido relacionadas à identidade, coletividade e ocupação do espaço público, buscando compreender como o slam se afirma como prática artística e estratégia simbólica de enfrentamento ao silenciamento histórico dessas mulheres.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do documentário *Elas Tomam a Cena: A resistência de mulheres negras no slam capixaba* parte da descrição dos elementos escritos, visuais e sonoros presentes na obra, conforme propõe a metodologia da semiótica discursiva (Greimas; Courtés, 1979). Com pouco mais de onze minutos, o documentário reúne relatos e performances de mulheres negras que integram a cena do slam capixaba. Desse modo, as legendas destacam as funções das participantes, a autoria das poesias e os créditos da produção. Visualmente, os espaços escolhidos — como praças, escadarias, o Museu Capixaba do Negro e a universidade pública (Universidade Federal do Espírito Santo) — reforçam o uso simbólico do espaço urbano e público como cenário de resistência. Os planos de filmagem evidenciam rostos, expressões e identidades visuais das entrevistadas. Sonoramente, a obra é marcada pela força da oralidade, por uma trilha com ritmo influenciado pelo hip hop e por sons ambientes que reforçam a ambientação realista e urbana do documentário.

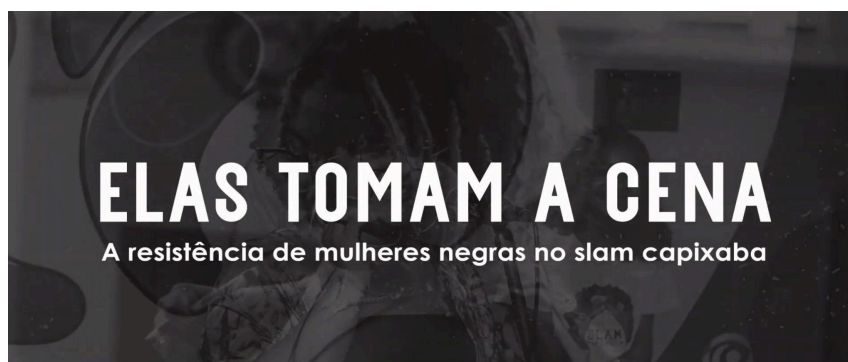
No nível discursivo, os sentidos são construídos por meio de recursos audiovisuais que reforçam o protagonismo das mulheres negras. A fala direta, sem mediações institucionais, as posiciona como narradoras de suas próprias histórias, rompendo com o regime racializado de representação descrito por Stuart Hall (2016), como “um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais” (Kilomba, 2019, p.28). O espaço urbano, apropriado por meio da performance poética, torna-se território simbólico de resistência e pertencimento.

No nível narrativo, as entrevistadas surgem como sujeitas em busca de reconhecimento, enfrentando oponentes como o racismo estrutural, o machismo e o

silenciamento. Como adjuvantes, destacam-se a arte, o slam e os vínculos coletivos que fortalecem sua permanência na cena cultural.

No nível fundamental, sobressai a oposição semântica entre invisibilidade e visibilidade, que estrutura o conflito simbólico central do documentário. A disputa por reconhecimento e espaço reflete a transformação dos corpos e discursos historicamente marginalizados em agentes de resistência. O slam, como prática artivista, atua, como aponta Chaia (2007), visando romper, questionar e provocar a ordem vigente. Essa ocupação do espaço público também dialoga com Pierre Mayol (2013), ao mostrar como o cotidiano urbano é ressignificado pelas práticas culturais. Ao “tomarem” a cena com a poesia falada, essas mulheres realizam o rompimento com uma estrutura de origem colonial. Conforme aponta Grada Kilomba (2019), isso é um ato político que promove a fala e reivindica o lugar nesse movimento. Dessa forma, a presença das mulheres negras no slam capixaba desafia a lógica patriarcal, colonial e capitalista que historicamente as confinou à esfera do cuidado, à exaustiva jornada de trabalho e ao silenciamento, reivindicando o espaço público como território de expressão e resistência.

Figura 1 – Frame com o título do documentário *Elas Tomam a Cena: A resistência de mulheres negras no slam capixaba*.



Fonte: Documentário dirigido por Carol Souto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pzArfmLK6Jo&t=56s>. Acesso em: 29 mar. 2025.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário *Elas Tomam a Cena: A resistência de mulheres negras no slam capixaba* evidencia como o slam capixaba se constitui como um espaço de resistência política, artística e identitária protagonizado por mulheres negras. Por meio da análise

semiótica discursiva (Greimas; Courtés, 1979), foi possível compreender como os elementos visuais, sonoros e escritos articulam sentidos que rompem com a invisibilidade historicamente imposta a esses corpos, reposicionando-os como sujeitos de fala e agentes de transformação.

Ao ocupar o espaço público com suas vozes e corpos, as entrevistadas ressignificam o cotidiano urbano, em consonância com o que propõe Mayol (2013), ao transformar territórios tradicionalmente excludentes em palcos de pertencimento. A performance poética se revela como ferramenta de enfrentamento aos regimes racializados de representação descritos por Stuart Hall (2016), permitindo que essas mulheres não apenas reivindiquem escuta e reconhecimento, mas também refaçam os contornos simbólicos da cidade e da cena cultural.

Assim, a prática do slam não se restringe a uma expressão artística, mas configura-se como um ato político que desafia as estruturas coloniais e patriarcais. Ao “tomarem” a cena, essas mulheres nomeiam uma realidade própria que sequer fora nomeada (Kilomba, 2019), rompendo com silêncios históricos e afirmando novas formas de existir, resistir e pertencer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **O bairro**. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 37-45.

CHAIA, Miguel. **Artivismo: Política e Arte Hoje**. São Paulo: Aurora, 2007.

D'ALVA, Roberta. **SLAM: voz de levante**. Rebento, São Paulo, ed. 10, 10 jun. 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/360/0>. Acesso em: 5 set. 2023.

GONÇALVES, Rôssi; NERCOLINI, Marildo. **A cultura urbana periférica: silenciamentos e táticas**. SOLETRAS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Formação de Professores da UERJ, ed. 36, p. 34-50, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/34425>. Acesso em: 3 set. 2023.

GREIMAS, Algirdas J.; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização Arthur Ituassu. São Paulo: Apicuri, 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SILVA, Caio Ruano da. **Slam Poetry: poesia performática, política e educação**. 2020. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006